**INTRODUÇÃO**

O artigo tem objetivo de apresentar o dilema que a educação cristã enfrenta, ao tentar colocar em prática seus pressupostos cristãos na aplicação do ensino. Diante do embate em relação a filosofia humanista, que apresenta uma pedagogia com viés assumidamente ateísta, e não neutro, o artigo assume que, a educação confessional cristã precisa repensar a maneira de como se relaciona com os conceitos pedagógicos presentes na atualidade. Diante da constatação do problema, o autor passa apresentar a pedagogia redentiva como uma resposta genuína de posicionar a Palavra de Deus como princípio inerrante na educação.

**RESUMO**

Um dos clamores iniciais do autor é que a educação cristã clama por uma pedagogia e metodologia educacional própria, que faça justiça às verdades de Deus. O desenvolvimento de uma pedagogia própria à educação cristã, a tese do artigo, apresentada como sendo a solução imperativa para as escolas cristãs, é chamada de “pedagogia redentiva” por imprimir a ideia de redenção, não somente ao processo educacional, mas às pessoas envolvidas nele.

O autor enfatiza que os princípios educacionais devem estar atrelados a fé cristã. O cristianismo, seguindo o alicerce colocado pelo judaísmo, sempre esteve na raiz das escolas e academias, ao longo da história da humanidade. Assim, o autor afirma que o caminho contrário é altamente prejudicial. Não somente a ciência ateísta, mas essencialmente, a *pedagogia ateísta* gera sérios desvios de percepções da vida, com consequências morais, destituindo gerações inteiras de senso de propósito, engodando-as a uma constante inversão de prioridades em suas decisões.

A partir de então, é apresentado um dilema enfrentado na prática das escolas confessionais cristãs. As escolas cristãs encontram várias dificuldades na medida em que procuram ser coerentes com a sua confessionalidade. Esse conceito horizontalizado, ou seja, que o bem-estar do homem é o principal objetivo da educação, sem a dimensão vertical do relacionamento de tudo e de todos com Deus, está no cerne do problema educacional.

O autor cita Gordon Clark que afirma: “As escolas não são, nunca foram, nunca poderão ser neutras. O sistema escolar que ignora a Deus, ensina seus alunos a ignorarem a Deus. Isso não é neutralidade, é a pior forma de antagonismo, porque julga que Deus não é importante; ele é irrelevante à raça humana. Isso é ateísmo”.

A metodologia apresentada na formação dos professores também é apontada como um dos fatores problemáticos, pois é formulada cheia de filosofia própria e contraria não somente a fé cristã, mas até mesmo o bom-senso comum. Passe-se então a uma crítica sobre a obra do autor Paulo Freire.

Em sua obra Pedagogia da Esperança, por exemplo, Paulo Freire é criticado no artigo por nunca cruzar a linha da incerteza e anseio para a da expectativa de uma certeza de redenção. O artigo afirma que após a leitura de suas obras continuamos carentes de uma relevância maior ao processo educativo – que transcenda a míope visão cadente do homem-deus e que não se perca em lamúrias sociológicas, sem ofertar respostas reais aos problemas constatados.

Além de citar outros autores como, Ruy Cézar do Espírito Santo, Edna Maria Silva Godinha, Gabriel Chalita, Claudemiro Godoy e Nelson Carvalho de Marcelino, o autor é bem enfático ao afirmar que todas essas tentativas de sistematização de pensamentos e ideologias específicas, via pedagogias, apresentam a necessidade de um propósito maior nos sistemas de ensino. Identificam-se carências, mas as soluções apontadas têm pouco a ver com a essência do processo educacional, ou são dispersivas e contraditórias. Os alunos e professores se empolgam com a retórica, mas são jogados em um abismo metodológico. Na ausência de uma construção filosófica coerente.

Depois de apontar as falhas da pedagogia mais popular presente em nossas escolas, o autor passa apresentar o desafio da necessidade de manter uma avaliação crítica de correntes pedagógicas, como para reconhecer pontos de afinidade com estas.

Uma primícia que deve ser considerada é que todo conhecimento deriva de Deus e Cristo é o ponto convergente de todo o raciocínio.

Ao mesmo tempo, o autor apresenta um ponto de encontro com a corrente pedagógica de Freire. A questão da individualidade está no cerne da filosofia da fé cristã e da cosmovisão da escola cristã e esse é um importante ponto de contato, ainda que e educação cristã deva preferir o termo *singularidade* (que expressa, condições únicas a cada ser) a *individualidade* (que pode dar a idéia de ausência de altruismo, de egoismo).

Um próximo ponto de encontro são os quatro pilares d educação divulgados pela UNESCO. São eles: *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a conviver* e *aprender a ser*. É lógico que essas quatro áreas de aprendizado podem receber roupagem humanística e dissociada de qualquer pensamento relacionado com a cosmovisão cristã. No entanto, as escolas cristãs podem não somente conviver pacificamente com essa especificação quádrupla, em sua missão de ensino, mas podem dar corpo e significado com as verdades da filosofia da fé cristã, a cada um desses aspectos.

O construtivismo também é apontado com contribuições ao processo educacional com diversos pontos de sintonia com a cosmovisão cristã. Assim, o autor conclui esta parte afirmando que os educadores cristãos não devem descartar conclusões e afirmações que se mostram verdadeiras e de auxílio produtivo ao processo educacional, pois poderão abstrair as verdades e colocá-las no devido contexto de um ensino que tem como centro, significado e propósito o Criador do Universo.

O autor passa a apresentar então a solução para as escolas cristãs: a pedagogia redentiva. A pedagogia redentiva penetrará na mecânica do conhecimento e pesquisará na vida dos educandos os caminhos do saber, mas sob o ponto de vantagem de conhecer o Criador do conhecimento e fonte da sabedoria. Pedagogia redentiva é aquela que vai declarar sem apologias a sua ausência de neutralidade, mas, igualmente, apresenta sem disfarces ou subterfúgios as premissas filosóficas da fé cristã como eixo conceitual que dá corpo ao saber e sentido à vida.

Um importante papel da pedagogia redentiva é o papel do professor. Ele é a interface crucial entre o saber e a ignorância; ele é o mestre dos assuntos que se propõe a transmitir; e ainda que saiba que a vida é um grande aprendizado e que o constante conhecer não tem fim, ele tem a convicção de que está na sala de aula para *ensinar* e não simplesmente para aprender; é, realmente, o direcionador do processo educacional em sua esfera de atuação; o promotor da internalização dos fatos transmitidos, aquele que provê o meio escolar, em sua sala de aula, necessário à construção do entendimento, nos seus alunos.

Antes de concluir o artigo, o autor apresenta os alicerces de uma pedagogia redentiva. São Eles: *O alicerce metafísico*, que afirma que Deus existe e não é uma abstração humana; o *alicerce epistemológico*, que afirma que o conhecimento floresce da graça comum vinda da Trindade; *o alicerce ontológico*, que reconhece a singularidade das pessoas; *o alicerce nomístico*, que acata a existência de uma lei objetiva; *o alicerce ético*, que aceita a possibilidade de julgamento do certo e errado; *o alicerce relacional*, que afirma que a pedagogia redentiva relaciona uma área de conhecimento com a outra; *o alicerce metodológico*, que trabalha o processo educacional do conhecimento, manuseando com cuidado e carinho as pedras do conhecimento; *o alicerce estético* que afirma uma pedagogia redentiva leva a apreciação das artes, música, e aspectos que procedem do Criador*; o alicerce teleológico*, que vê o ensino como tendo propósito.

**CONCLUSÃO**

O autor encerra o artigo destacando a urgência do desenvolvimento de uma pedagogia redentiva, e como esse processo beneficiará todo o campo educacional. O autor destaca as palavras do filósofo e teólogo Rousas Rushdoony: “O educador cristão não afirma ser o dono da verdade absoluta, mas insiste em que a verdade é absoluta, e é real”.

O autor ressalta o esforço que deve ser dedicado a produção de uma pedagogia própria e coerente com a fé cristã. Pesquisas bem elaboradas, entrelaçamento de conceitos disciplinares e um senso de propósito intenso em todas as etapas do processo educacional, são de suma importância para os pilares da educação cristã.

Essa é uma longa e necessária jornada a ser trilhada em minha opinião. O autor do artigo consegue nos convencer que é necessário redimir os pressupostos da educação cristã. Somente educadores com uma mentalidade redimida por Deus, conseguirão ver o a tamanho do desafio que está diante deles.

A análise crítica feita pelas contribuições da pedagogia de Paulo Freire e outros autores é altamente necessária. Não podemos descartar completamente o que já foi construído, e sim, criar pontes que leve a educação cristã a uma pedagogia redentiva.

Concordo que ao citar os alicerces da pedagogia redentiva, o autor está se dedicando a basear todos os esforços da educação cristã na premissa da Palavra de Deus, este ponto é inegável. Porém, destaco a falta de menção sobre o acesso do cidadão comum a educação cristã de qualidade. Afirmo mais uma vez, que todo o esforço de pensar uma pedagogia redentiva é muito válido e necessário, mas ao mesmo tempo, essa pedagogia redentiva é acessada por um grupo muito seleto. Escolas cristãs geralmente tem um custo muito alto se formos comparar com a renda da família brasileira.

O debate é valido. A pedagogia vigente, humanista e ateísta, deve ser combatida com uma pedagogia redentiva. Porém, creio que deve ser incluído no debate, a garantia de um maior acesso à educação cristã no país. O acesso a pedagogia redentiva não pode estar restrito apenas aos filhos de pastores, filhos dos teólogos magistrados e outros envolvidos no “sistema eclesiástico”. Se existe uma proposta de teologia redentiva, que ela possa redimir também seu alcance limitado para um alcance mais amplo no cenário educacional brasileiro.